

Redes enunciativas

Enunciative networks

DOI 10.20396/lil.v26i51.8673668

Luiz Francisco Dias¹
UFMG/CNPQ

Resumo

Este artigo apresenta uma abordagem metodológica dos estudos semânticos de natureza enunciativa. Especificamente, apresentamos a constituição de redes enunciativas como um procedimento metodológico fundamental para a Semântica da Enunciação. A rede enunciativa agrega construções linguísticas, no sentido de explicitar as articulações internas ao enunciado. De acordo com a nossa hipótese, essas articulações permitem a relação entre memória e atualidade no enunciado. Na medida em que explicita as articulações no enunciado, a rede enunciativa permite a inserção dos dados na análise, demonstrando o funcionamento da produção de sentidos na língua.

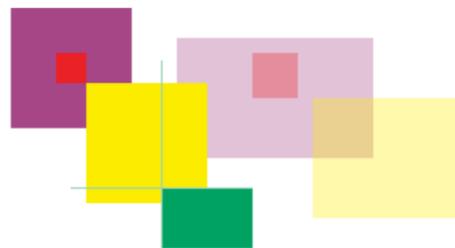
Palavras-chave: Enunciação, Semântica, Rede enunciativa.

Abstract

This paper presents a methodological approach to semantic studies of an enunciative nature. More particularly, we present the constitution of enunciative networks as a fundamental methodological tool for the Semantics of Enunciation. The enunciative network aggregates linguistic constructions, in the sense that they make explicit the internal articulations of the utterance. According to our hypothesis, these articulations allow the relationship between memory and the actual utterance. To the extent that it makes explicit the articulations in the utterance, the enunciative network allows the insertion of data in the analysis, unfolding the process of meaning making in language.

Keywords: Enunciation, Semantics, Enunciative network.

¹ Doutor em Linguística. Professor Titular da Faculdade de Letras da UFMG e bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPQ.



Introdução

O presente texto aborda o procedimento metodológico das redes enunciativas (DIAS, 2018) no âmbito de um modelo de análise da enunciação fundamentado nas teses de Guimarães (2002; 2018) relativas ao caráter histórico-social da significação.

Nesse viés, buscamos desenvolver o conceito de acontecimento enunciativo e de memorável desse autor em função de um trabalho com a enunciação voltado para a compreensão das articulações linguísticas. Nessa direção, a concepção de Guimarães é especificada nos conceitos de *referencial histórico* e de *pertinência enunciativa*.

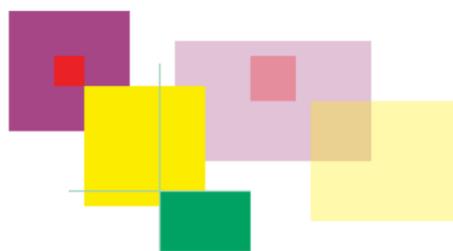
Para explicar a configuração da enunciação, com base na prospecção dos sentidos na língua, buscamos desenvolver o conceito de *rede enunciativa* como procedimento metodológico para se introduzir ocorrências da língua no espaço da análise enunciativa com vistas à construção de um corpo de argumentos relativos à tese do funcionamento da língua como acontecimento histórico-social.

Nessa direção, primeiramente, vamos apresentar os princípios básicos do modelo de estudos enunciativos que adotamos. Na sequência, levantaremos os elementos básicos de constituição de redes enunciativas. Por fim, vamos abordar o sentido do termo “uberização”, incorporado recentemente ao léxico da língua portuguesa do Brasil.

1. Um modelo de abordagem da enunciação: princípios básicos

Um dos vieses de abordagem da enunciação ancora-se na concepção de acontecimento desenvolvida por Guimarães em diversos textos, principalmente, Guimarães (2002; 2018).

Por essa concepção, um acontecimento de enunciação recorta um passado como memorável. Esse passado não é compreendido do ponto de vista psicológico. Diferente disso, o acontecimento presentifica enunciações anteriores. Nos termos de Guimarães (2002, p. 12), “o passado é, no acontecimento, rememoração de enunciações, ou seja, se dá como parte de uma nova temporalização (...) o acontecimento é sempre uma nova temporalização, um novo espaço de convivalidade de tempos.”



Nessa convivialidade temporal, o futuro também se torna constitutivo do acontecimento, pois a enunciação se apresenta como interpretável no porvir da materialização do enunciado. Dessa maneira, há algo de prospectivo na enunciação, e a base dessa projeção se situa no próprio espaço de constituição do acontecimento enunciativo.

Assim, o conceito de tempo não é cronológico, pois o que se desenvolve no acontecimento são integrações. Com efeito, produzimos unidades a partir de memórias de dizeres advindas de outros tempos, como também a partir de expectativas e direções no presente da materialidade do enunciado.

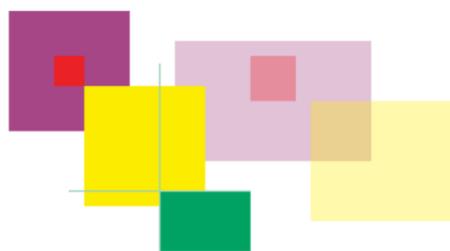
Dessa maneira, o enunciado apresenta um efeito de inteireza, completude. A tarefa de uma semântica da enunciação é explicar as articulações que configuram essa incorporação. No entanto, essa completude não é absoluta, uma vez que o enunciado é integrante de um texto.

Com efeito, o enunciado é um espaço de integração, mas ao mesmo tempo um espaço de diferenças e dissensões. O sentido não nasce da atualidade do dizer de um falante empírico, e assim a significação no acontecimento se estabelece em uma dinâmica de relações histórico-sociais. O que dizemos é afetado por uma tensão entre a concordância e discordância, entre o mesmo e o diferente na presentificação de enunciações anteriores. O falante nunca será contemporâneo ao que a expressão linguística significa. É nessa tensão, própria da dinâmica da ordem histórica, que se configura o sentido. A memória, concebida como memorável, é condição para o fazer sentido, argumenta Guimarães (2018, p. 37).

Tendo em vista esse quadro, a nossa abordagem da enunciação (DIAS, 2018), nos últimos 20 anos, tem procurado formular alguns conceitos que buscam produzir especificidades na abordagem das relações linguísticas a partir do conceito de acontecimento desenvolvido por Guimarães.

Procuramos respostas específicas para a compreensão do modo como os memoráveis de enunciações se integram na produção do enunciado.

Para isso, desenvolvemos o conceito de referencial histórico como sustentação para a significação. Diferentemente de alguns modelos teóricos desenvolvidos na área da semântica, que concebem a significação a partir da *referência* e da *referenciação*, no nosso modelo, a significação se assenta no *referencial*.



Quando se toma a “referência” como base, defende-se que a expressão linguística adquire significação pela sua relação com um objeto da exterioridade da linguagem (referente). A significação desse objeto é determinada por um conceito atribuído a ele (FREGE, 1978). Esse conceito baliza as relações entre a nominalidade que apreende o objeto e uma predicação, proporcionando as condições de verdade de uma proposição.

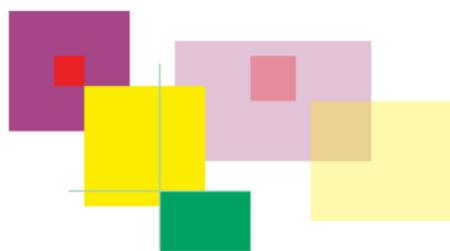
Por sua vez, quando se toma a “referenciação” como base, defende-se que os objetos são constituídos por categorizações de ordem cognitiva. A constituição do conhecimento em atividades cognitivas envolve a referenciação (ação de referir) a partir das experiências de percepção do indivíduo no meio social (MONDADA; DUBOIS, 2003). A categorização cognitiva e discursiva é que permite a identidade e a identificação daquilo que se individualiza e se especifica no mundo exterior. Dessa maneira, a referenciação é um processo que configura a existência de entidades no discurso (a ação de referir constitui o referente).

Na nossa perspectiva, a significação se assenta no “referencial”. Trata-se de um vocábulo inspirado no termo homônimo de Foucault (1969, p. 120). Na perspectiva desse autor, “o referencial do enunciado forma o lugar, a condição, o campo de emergência, a instância de diferenciação dos indivíduos ou dos objetos, dos estados de coisas e das relações que são postas em jogo pelo próprio enunciado”.

Na especificação que produzimos a partir desse conceito (DIAS, 2018), o referencial recobre a concepção de memorável para designar a instância da significação em que as unidades significadas se filiam a temáticas e perspectivas sócio-históricas. As unidades linguísticas significam porque se filiam a referenciais históricos preexistentes ao seu uso efetivo. Na dinâmica social, estabilizam-se e regularizam-se pontos de vista e temas sob os quais indivíduos, objetos, estados de coisas e relações adquirem sentido no acontecimento enunciativo.

O referencial, na formulação de Foucault, seria o campo em que esses objetos do sensível emergem, isto é, a instância em eles adquire sentido. Os objetos do real ou do imaginário são apreendidos por perspectivas e temas já configurados socialmente pelo memorável.

Esse ordenamento da apreensão dos objetos pelo sentido historicamente configurado forma o que compreendemos como referencial histórico. Trata-se de uma leitura, portanto, do conceito de memorável (GUIMARÃES, 2002). Em suma, nada significa por si mesmo, mas



pelas relações que adquirem, dadas as suas filiações aos recortes de apreensão de sentidos na dinâmica histórica.

Assim, os referenciais balizam historicamente a significação a partir de uma instância que não é a da exterioridade da linguagem, e que também não é a da atividade cognitiva, mas a partir de uma instância do próprio memorável de enunciações que constituem o acontecimento enunciativo.

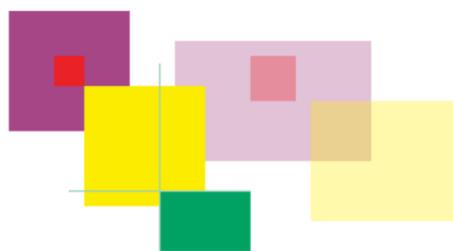
Além dos *referenciais históricos*, o acontecimento enunciativo é constituído pelo que temos denominado de *pertinência enunciativa* (DIAS, 2018). Na nossa abordagem, esse conceito recobre a constituição de uma atualidade do enunciar, e nela, a construção de uma interpretabilidade do enunciado, isto é, a preparação desse enunciado para a adesão às demandas motivadoras do exercício da linguagem. A tomada da palavra, oral ou escrita, é afetada por demandas que se desdobram em perguntas do tipo: por que algo é dito ou por que é dito de determinadas maneiras? Perguntas desse tipo se situam na relação entre a injunção para dizer o necessário, regras para balizar o permitido e sanções para frear o inconveniente.

Em suma, é parte do acontecimento da enunciação a pertinência enunciativa, isto é, a constituição das condições de adesão do enunciado a um ordenamento textual capaz de atender expectativas, produzir direções e fornecer interpretabilidade ao que se diz e se escreve.

Uma análise enunciativa deve responder à demanda básica da semântica: como se constitui a significação na língua? A resposta a essa questão, na nossa abordagem (DIAS, 2018), conduz a um tipo de análise desenvolvida sob o procedimento metodológico de redes enunciativas.

2. Redes Enunciativas: apresentação

Em abordagens semânticas da língua, a consistência da análise é construída com dados estruturados segundo uma regularidade bem definida. Em Dias (2018), apresentamos o conceito de rede enunciativa como um procedimento de estruturação dos dados de análise em semântica da enunciação.



Tendo em vista o perfil de abordagem da enunciação que acabamos de esboçar, uma rede enunciativa precisa demonstrar os perfis de integração do/no enunciado. A partir da análise das articulações integrantes do enunciado, evidenciamos os referenciais históricos e as demandas de pertinência enunciativa.

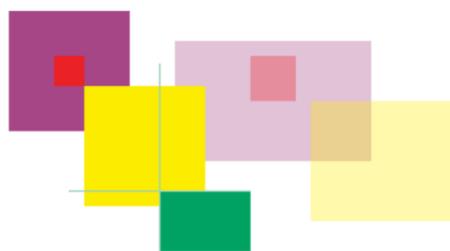
Dessa maneira, a rede enunciativa reúne construções linguísticas cuja afinidade nos permite depreender a inserção do enunciado numa memória de sentidos como também numa relação de interesse no presente do dizer.

Três questões se sobressaem desse quadro inicial: (a) o que são as formas linguísticas construídas em articulação, (b) como se estrutura uma rede enunciativa e (c) qual a origem dos fatos linguísticos demonstrados numa rede enunciativa.

No que se refere à primeira questão, começamos trazendo de Guimarães (2007, p. 96) a concepção segundo a qual a língua é um sistema de regularidades. Mais especificamente, na nossa concepção (DIAS, 2015), a língua é um sistema de regularidades articulatórias, constituindo a dimensão orgânica do linguístico e a integração do enunciado. Essa dimensão da organicidade funciona na interface com a dimensão enunciativa. A ênfase nessa interface produz diferenças na abordagem da relação entre as formas linguísticas. A primeira perspectiva de articulação que desenvolvemos encontra-se em Dias (2012, p. 27). Nesse texto, abordamos a dimensão orgânica como um plano em que constituintes linguísticos que já participaram de outros domínios de enunciação entram em articulação com a construção de um domínio de atualidade da enunciação.

Dessa maneira, um enunciado se assenta sob a enunciação de outros enunciados, de onde as formas linguísticas trazem as regularidades de funcionamento morfossintático. Na forma sentencial “Paulo perdeu o livro na mudança para o novo apartamento”, tomemos, por exemplo, um dos componentes: “perdeu”. Ele participa articulatoriamente da sentença tendo em vista uma memória de participação em outros domínios de enunciação, com uma característica agregadora importante: a sua participação se dá sob a regularidade da convocação de um lugar X, que se constitui como um espaço de condensação nominal² sob o domínio do verbo. Na sentença acima, o termo “livro” é uma condensação nominal, e esse mesmo espaço sintático já foi ocupado por “dedo”, “amor”, “apetite”, em outros domínios de

2 Em Dias (2018, p. 118-123), abordamos o substantivo como uma condensação nominal.



enunciação em que o verbo “perder” participou. Esse verbo participa da articulação enunciativo-sintática até mesmo quando não temos uma condensação nominal em atualidade para ocupar esse lugar, como em “Quem perde e quem ganha com a crise econômica?”. Nesse caso, a regularidade de convocação do espaço de recepção de referentes apenas adquiriu certa amplitude referencial, mas não a capacidade que esse verbo tem de participar da articulação sentencial com a regularidade de projeção de lugar objeto que ele adquiriu em outros domínios de enunciação nos quais o espaço que ele convoca é ocupado.

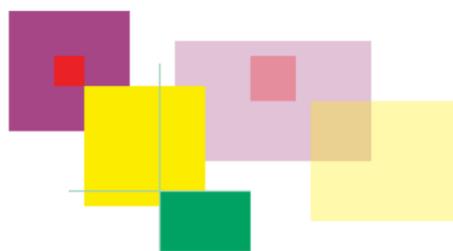
Dessa maneira, a forma linguística adquire identidade enquanto tal, na medida em que contrai articulação em unidades integrativas. A palavra “casa”, por exemplo, se torna forma linguística ao contrair articulação em formações nominais (como “as casas que vimos ontem”, “lindas casas”, “falsas casas”. Por sua vez, “escorregou” assume essa condição de forma linguística ao sair do estado de infinitivo (escorregar) e contrair articulação em determinada predicção (Pedro escorregou nesta pedra; Escorregamos nos nossos próprios erros). Por sua vez, “a partícula ‘de’ se constitui em forma linguística, de modo mais específico, quando assume papel direcionador nos espaços sintáticos. Em suma, a forma linguística é relativa aos lugares de entrada do léxico na constituição das unidades articulatórias, em mobilização de ordem enunciativa”. (DIAS, 2015, p. 119)

Assim, ser forma linguística é significar em relação com as dimensões enunciativas do sentido e com as dimensões orgânicas do enunciado. É por essa perspectiva que explicamos a constituição do enunciado como espaço de integração.

Em resumo, na nossa concepção, essa é a ideia do domínio de mobilização das formas linguísticas: as formas significam mobilizadas pela relação entre memória (referencial histórico) e atualidade (pertinência enunciativa) no acontecimento enunciativo.

No âmbito desse quadro, a tensão entre os referenciais históricos e as demandas de pertinência enunciativa formam os domínios de mobilização das formas linguísticas. Em outros termos, as articulações do “já significado”, social e historicamente configurado, e do “a significar”, de uma atualidade, determinam as formas expressivas na constituição de unidades linguísticas, bem como as suas articulações, na órbita da formulação do enunciado.

Tendo em vista as três questões que perpassam a constituição de uma metodologia de abordagem da semântica da enunciação por redes enunciativas, acabamos de apresentar



os traços da primeira questão, relativa às formas linguísticas. Vamos apontar os elementos básicos da segunda questão, relativa ao modo como se estrutura uma rede enunciativa.

A formação de uma rede enunciativa obedece ao objetivo de se evidenciar os domínios de mobilização das formas linguísticas, especificamente pela demonstração das articulações na constituição do enunciado.

As regularidades articulatórias que permeiam o espaço de integração do enunciado são distribuídas em articulação predicativa, articulação internominal, articulação intranominal e articulação subnominal. Essa distribuição está limitada ao presente estágio da construção do nosso modelo de abordagem.

Em Dias (2018, p. 253) começamos a desenvolver esses quatro tipos de regularidades articulatórias.

O primeiro tipo (articulação predicativa) se instala na relação entre uma formação nominal e um predicado, tendo o verbo como catalisador de formações nominais, constituídas no lugar do sujeito e no lugar do objeto³.

O segundo tipo (articulação internominal) é relativo às convergências de adjetivos, pronomes, numerais, artigos ou integradores preposicionais voltados para o nome na constituição de um grupo nominal.

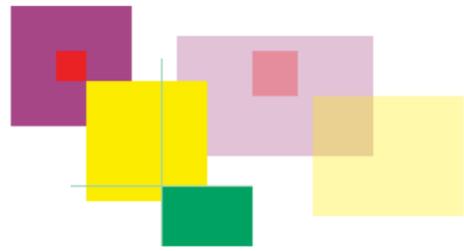
O terceiro tipo (articulação intranominal) ocorre entre formadores morfológicos de nomes na relação entre base lexical (radical, raiz) e formantes prefixais ou sufixais, ou mesmo entre duas bases lexicais.

Por fim, o quarto tipo (articulação subnominal) envolve a constituição semântica do nome, e é formado pela condensação de enunciados que se articulam em torno de um eixo integrativo de nominalização, sustentando os nomes enquanto unidades lexicais.

A nominalidade permeia os traços materiais da enunciação, e a formação nominal⁴ aparece como um catalizador dos referenciais históricos do enunciado. O conceito de

3 Em Dias (2009) e em Dalmaschio (2013) há uma análise detalhada da diferença de ocupação dos lugares do sujeito e do objeto.

4 Em Dias (2018, p. 122), abordamos o conceito de formação nominal.



formação nominal difere do conceito de sintagma nominal, pois o primeiro está relacionado à constituição enunciativa da nominalidade e o segundo designa o produto de um corte sintagmático, nucleado pelo substantivo.

Tendo isso em vista, afirmamos que a rede enunciativa deve evidenciar um desses quatro troncos de articulação no enunciado. Ela (rede) é um artefato metodológico de evidenciação do espaço integrativo do enunciado, seja na dimensão da unidade nominal, seja na dimensão de um grupo nominal, seja na dimensão mais ampla de um enunciado sentencial.

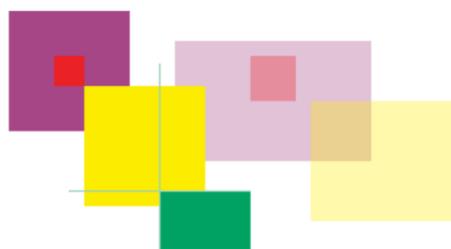
Uma rede enunciativa agrupa construções linguísticas verbais ou verbo-visuais no sentido de evidenciar as articulações. Esse agrupamento tem, portanto, um caráter argumentativo⁵. A rede enunciativa é uma demonstração de relações linguísticas que guardam uma força argumentativa a favor da tese da constituição articulatória da unidade enunciativa, motivada pelo acontecimento histórico da enunciação.

Para isso, a rede é construída em torno de um ponto de observação comum entre as construções participativas (normalmente, de três a cinco), dado o tipo de articulação em foco no seu interior. Se internamente a uma rede o ponto de observação está na semelhança, por outro lado, uma rede contrai uma relação de diferença com outras redes no mesmo campo argumentativo.

Quanto à terceira questão que formulamos neste item, qual seja, a origem dos fatos linguísticos demonstrados numa rede enunciativa, a nossa abordagem não exige um corpus previamente definido de circunscrição dos dados de análise, uma vez que não lidamos com o conceito de exemplo. A entrada dos dados na nossa análise passa pelo filtro da configuração da rede enunciativa. Assim, a exigência da sistematização dos dados de análise não está no terreno da origem das construções linguísticas, mas nos parâmetros da formação da rede enunciativa.

Tendo em vista o caráter argumentativo que impulsiona a construção das redes, bem como a especificidade dos vieses articulatórios que já orientam a entrada dos dados na rede, temos a liberdade de buscar construções em amplos agregadores de usos da língua, acessíveis por meio do sistema de buscas do Google, dos mecanismos de entrada nos

5 Beavers & Sells (2013: 397) destacam o fato de que ocorrências de uso, reais ou construídas pelo pesquisador, entram numa análise linguística como argumentos para solidificar arcabouços explicativos teóricos.



arquivos de jornais brasileiros, do sistema de busca do Corpus do Português ou mesmo pelo espaço de pesquisa de palavras e expressões do Twitter. Nada impede que possamos mesclar enunciados captados nesses agregadores com enunciados produzidos pelo pesquisador.

Vejamos a seguir a construção de algumas redes demonstrativas da tipologia de articulações que apresentamos.

3. Redes enunciativas: demonstrações

Vamos analisar, segundo o nosso modelo de semântica da enunciação, a constituição de sentidos de “uberização” que perpassam os quatro tipos de articulação em redes enunciativas. Trata-se de uma unidade lexical que entrou recentemente nos usos do português do Brasil. Consideramos que uma abordagem desse termo seria produtiva, justamente porque ainda não há uma estabilidade de significação nesses usos. Podemos captar os traços de sentido dessa palavra em pleno processo de consolidação.

A primeira rede abordada explora as articulações predicativas. Vejamos:

Tabela 1 – Uberização: rede enunciativa com articulações predicativas

Se a Revolução Industrial suprimiu empregos, a uberização ⁶ vem pra suprimir direitos ⁷
A uberização está dando insegurança e um mínimo de Direitos ⁸
A uberização está colocando engenheiros e profissionais de nível superior no mercado informal ⁹
Aqui o Temer acabou com a CLT para gerar + empregos, e só gerou uberização ¹⁰
A corrosão dos direitos levou à uberização do trabalho ¹¹

6 Neste uso e nos próximos, o destaque em negrito não estava presente nas ocorrências originais.

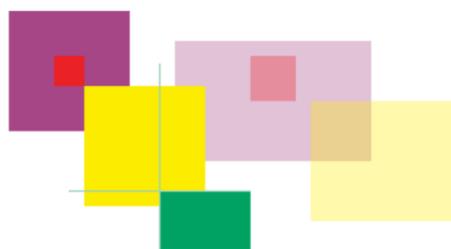
7 Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/sociedade/entregadores-antifascistas-a-uberizacao-vem-pra-suprimir-direitos/> Acesso em abril de 2023

8 Disponível em: <https://twitter.com/marcelomtroo/status/1586718542682292224> Acesso em abril de 2023

9 Disponível em: <https://twitter.com/ZemogEla/status/154387739921707008> Acesso em abril de 2023

10 Disponível em: <https://twitter.com/gmanoel/status/1530298585820057601> Acesso em abril de 2023

11 Disponível em: https://sodwinpep.live/?utm_campaign=INccHxHRWrew3TQsLBbfNnbGFYUZobM-qxXT9Zrw5FhI1-&t=main9expsess Acesso em abril de 2023



Fonte: autoria própria

Podemos observar que “uberização” ocupa o lugar de sujeito nos três primeiros enunciados. Enquanto formação nominal, esse vocábulo articula-se com o predicado na perspectiva de uma atenuação: atenuam-se direitos do trabalhador e atenua-se a formalização do emprego. Esse seria inicialmente o referencial histórico pelo qual se circunscreve o sentido de “uberização”.

No lugar de objeto verbal, como nos dois últimos enunciados, a uberização aparece como resultado dessa atenuação.

Em suma, articulações contraídas pela unidade lexical “uberização” nos conduzem a formular uma expressão da ancoragem desses enunciados na memória da degradação das condições de trabalho. A atenuação das condições e direitos do trabalho balizam o sentido de uberização, tornando-se um referencial para a sua significação.

Tabela 2 - Uberização: Rede enunciativa com articulações **internominais**

uberização das relações de trabalho contemporâneas ¹²
a uberização das relações amorosas ¹³
é a uberização da terapia. antes ofereciam água e balinha, agora nem boa tarde ¹⁴
aumento da uberização da educação fragiliza professores e professoras ¹⁵
a uberização da Uber ¹⁶

Fonte: autoria própria

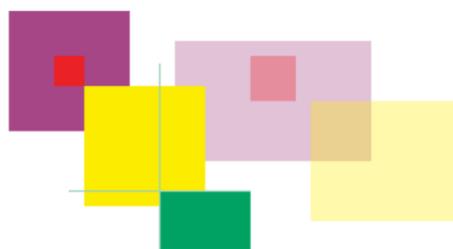
12 Disponível em: <https://pantheon.ufrj.br/handle/11422/11040> Acesso em abril de 2023

13 Disponível em: <https://www.pressreader.com/brazil/mais-rio-e-mais-sampa-9YZH/20221010/281-895892141716> Acesso em abril de 2023

14 Disponível em: https://twitter.com/lola_tpm1/status/1603219172644765696 Acesso em abril de 2023

15 Disponível em: <https://www.cut.org.br/noticias/aumento-da-uberizacao-da-educacao-fragiliza-professores-e-professoras-1ffd> Acesso em abril de 2023

16 Disponível em: <https://diplomatie.org.br/a-uberizacao-da-uber/> Acesso em abril de 2023



Essa rede é construída com foco nas próprias formações nominais, pois o nosso interesse está nas articulações entre o nome “uberização” e os convergentes articuladores do grupo nominal.

Esse tipo de articulação nos permite perceber a ampliação do domínio do termo “uberização”, alcançando não só as relações de trabalho, mas também as relações amorosas, a educação, a terapia e o próprio serviço de transportes “Uber”.

Essa ampliação da aplicabilidade do vocábulo em pauta para outros campos, como o das relações amorosas, amplia consequentemente a formulação do referencial: trata-se de uma atenuação, mas não apenas das condições de trabalho, mas dos laços de relacionamento: empregado/empresa, usuário/serviço, pessoa/pessoa.

Fig. 3 - Uberização: Rede enunciativa com articulações **intranominais**

PEC da reforma administrativa vai “uberizar” os serviços públicos, de acordo com dirigente da Fenafisco ¹⁷
Autenticação no pagamento é forma de uberizar a loja virtual ¹⁸
Uberizamos a Assistência Técnica ¹⁹
O Operário, "filme de uma época pré-uberização ". ²⁰
vem aí a pós-uberização ²¹

Fonte: autoria própria

Pelas articulações intranominais, podemos observar a flexibilidade do termo, pela qual a nominalidade toma “uber” como unidade de base para receber os diversos formantes, nominais (uberização), verbais (uberizar) e suas especificidades flexionais, bem como os formantes de marcos de delimitação temporal, por meio da prefixação (pré-uberização) e da sufixação (pós-uberização).

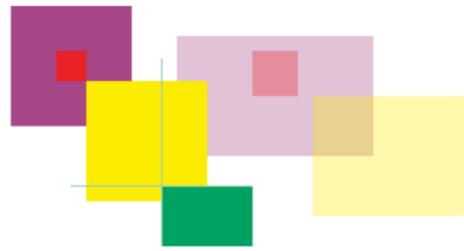
17 Disponível em: <https://www.portalcontnews.com.br/pec-da-reforma-administrativa-vai-uberizar-os-servicos-publicos-de-acordo-com-dirigente-da-fenafisco/> Acesso em abril de 2023

18 Disponível em: https://www.tiespecialistas.com.br/categoria/ti_corporativa/e-commerce-ti_corporativa/page/3/ Acesso em abril de 2023

19 Disponível em: <https://pt.linkedin.com/pulse/uberizamos-assist%C3%A2ncia-t%C3%A9cnica-e-n%C3%A3o-exploramos-nossos-freitas> Acesso em abril de 2023

20 Disponível em: https://twitter.com/caaio_marcelo/status/1629603279377256451 Acesso em abril de 2023

21 Disponível em: <https://twitter.com/karrwn/status/1423002396406452225> Acesso em abril de 2023



A base de “uberização” remete à empresa “Uber”, multinacional americana, prestadora de serviços na área do transporte privado urbano, através de um aplicativo de transporte.

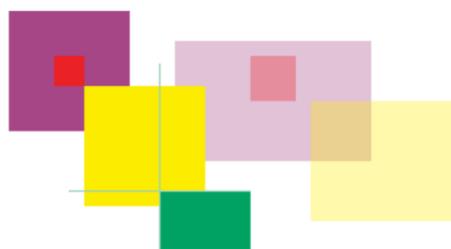
O serviço inovador da empresa foi marcado por facilidades na contratação de serviços de transportes urbanos, mas também ficou marcado como um modelo de trabalho sem regulamentação e sem vinculação formal do motorista com a empresa. Esses são os traços do referencial da atenuação (isto é, debilidade de vínculos) que vai se ramificando na língua pelos elementos afixais de expansão. Com essa expansão, há um afastamento da referência à empresa, tornando o referencial constitutivo da circulação desses termos na língua, seja como substantivo (uberização), seja como verbo (uberizar).

Portanto, o serviço de Uber efetivamente funciona como perspectiva de concepção de novas relações de vínculo nos acontecimentos enunciativos constituídos na profusão dos enunciados cotidianos. E assim solidifica um memorável de enunciados que se multiplicam com o mesmo referencial histórico. A partir disso, a língua fornece o amparo das formas de articulação para a expansão dos acontecimentos enunciativos da mesma ordem de sentidos.

Vamos averiguar a última rede enunciativa do corpo metodológico de análise da significação de uberização. Nessa rede, o foco está nas articulações subnominais.

Conforme a nossa apresentação, nas duas primeiras redes, observamos o funcionamento de sentidos da palavra na relação com outras, no âmbito do corpo de integração mais amplo (sentença) na rede enunciativa 1 (articulação predicativa), e mais específico (constituição do grupo nominal) na rede enunciativa 2 (articulação internominal). Logo após, observamos o funcionamento da palavra tendo em vista a sua estruturação morfológica na rede enunciativa 3 (articulação intranominal). Nos dois primeiros procedimentos de observação, o vocábulo em foco (uberização) estava em relação com outros componentes do enunciado. No terceiro, articulação é flagrada nas relações internas ao termo em foco.

Vejamos agora um outro procedimento de observação das articulações. Desta vez, o que está em articulação são enunciados em que não aparece a unidade lexical “uberização” e nem seus componentes morfológicos. As articulações subnominais são relações de enunciados que se tornam afins na conjuntura histórica e que circulavam antes da configuração do termo “uberização” e ainda circulam no presente. Eles se expandem socialmente com um eixo de direcionamento comum, e assim produzem os fundamentos do



referencial de atenuação das condições de trabalho. Esse direcionamento comum produz as bases enunciativas para a configuração da palavra “uberização”, que é o resultado de uma condensação desse direcionamento comum, orientado pelo referencial da atenuação.

Dessa maneira, conforme apresentamos em Dias (2018, p. 113-131), um nome não designa diretamente uma entidade da exterioridade linguística, mas um conjunto recorrente de enunciados na mesma direção de sentidos, formando um referencial histórico, conforme demonstramos na rede enunciativa que explica o surgimento da palavra *bullying* em Dias (2018, p. 119).

Observemos a rede enunciativa da figura 4 a seguir, elaborada para evidenciar articulações subnominais constitutivas dos fundamentos do sentido de “uberização”.

Tabela 4 - Uberização: Rede enunciativa com articulações **subnominais**

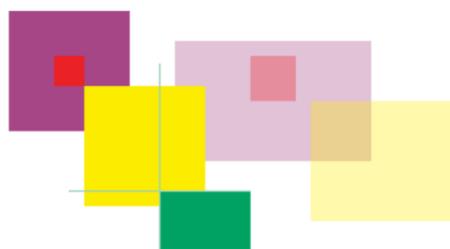
	aplicativo de gestão de tarefas ²²
	as empresas não querem criar nenhum vínculo empregatício com o contratado ²³
	descompromisso do empregador perante o empregado ²⁴
	plataformas digitais permitem conexão entre produtores e consumidores ²⁵

22 Disponível em: <https://setting.com.br/blog/processos/aplicativo-gestao-tarefas/> Acesso em abril de 2023

23 Disponível em: <https://www.pontotel.com.br/tipos-de-contrato-de-trabalho/> Acesso em abril de 2023

24 Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/emtempos/article/download/33751/28109/90363> Acesso em abril de 2023

25 Disponível em: <https://vertigo.com.br/plataforma-digital-portal-intranet-mobile/> Acesso em abril de 2023



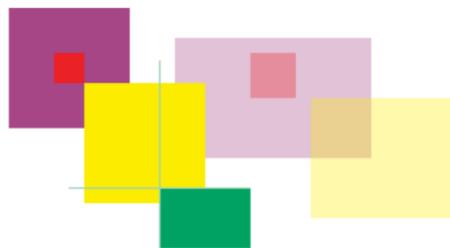
<p>ENUNCIADOS DESCRITIVOS</p>	<p>Trabalho intermitente fazendo entregas sem salário fixo e sem chances de aposentadoria? Sei bem o que é isso...</p>  <p>Ze D'Assilva 26</p>
<p>CONDENSAÇÃO</p>	<p style="text-align: center;">↓</p>
<p>UNIDADE NOMINAL</p>	<p style="text-align: center;">uberização</p>

Fonte: autoria própria

Nesta rede, temos os enunciados em direcionamento comum. Observemos que a relação entre uso de novas tecnologias (aplicativos, plataformas digitais) e práticas de rompimento de vínculos formais na empregabilidade formam as condições para uma denominação que abarque esses e outros enunciados na mesma órbita do referencial da atenuação de vínculos. O nome “uberização” é, pois, uma condensação desses enunciados em articulação numa rede social. O procedimento metodológico que elaboramos, denominado *rede enunciativa*, é uma evidenciação de parte desses enunciados que já circulam em rede nos meios sociais, articulados em direcionamentos comuns nos movimentos da história.

Torna-se legítima a indagação: como se deu a captação dos cinco enunciados da rede que acabamos de apresentar? Elas são amostras de um grande circuito de enunciados que se presentificam no cotidiano e que sustentam a vitalidade da palavra na língua portuguesa. A nossa incursão pelos mecanismos de busca nos agregadores de uso mencionados anteriormente se deu a partir dos termos que surgiram nas construções linguísticas das três

26 Disponível em: <https://nsc-total-wp.s3.sa-east-1.amazonaws.com/wp-content/uploads/2022/10/charge-ze-dassilva-nsc-total-uber-noel-1.jpg> Acesso em abril de 2023



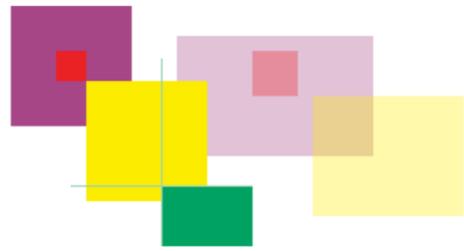
redes anteriores: “vínculo empregatício”, “descompromisso”, “novas conexões entre consumidor e produtor”, “gestão de tarefas”.

Dentre os enunciados avindos da demanda do pesquisador nesses agregadores de uso, principalmente, *Google* e *Twitter*, selecionamos cinco deles. A nossa perspectiva é a de que uma amostra de cinco enunciados é suficiente para sustentar a argumentação a favor da consistência e legitimidade da articulação desses enunciados como sustentação subnominal de “uberização”. Assim, essa amostra de enunciados apresentados na rede evidencia argumentativamente a origem enunciativa e a sustentação lexical de “uberização”.

Observemos que, dentre os enunciados, um deles tem caráter verbo-visual (uma charge). O uso de elementos multimodais na constituição de redes enunciativas salienta o campo da consistência das articulações apresentadas como evidência na explicação semântica da constituição das unidades da língua.

A popularização dos aparelhos celulares, levando a um crescente domínio dos seus aplicativos, produziram as condições para uma alteração marcante nos modos de vivência urbana, principalmente, com incremento na eficiência do transporte, do comércio, dos processos de produção industrial. Embora tragam conforto e ganho de tempo, por exemplo, essas alterações geram impacto negativo em outra perspectiva, a das relações de trabalho. Criou-se um problema social e uma nova temática social. O referencial histórico da atenuação absorve esse problema. Trata-se de uma questão histórica uma vez que entra em cena um novo componente das clássicas relações de trabalho: a instrumentação digital e a automação ao alcance de uma grande massa populacional. Com a configuração desse problema e a crescente rede de enunciados que o descreve, criou-se conseqüentemente uma demanda para se falar dele, passando a ser um tema de interesse social. Essa demanda de tematização social mobiliza os enunciados que se articulam convergentemente, criando-se as bases subnominais para a instalação na língua de uma nomeação capaz de expressar essa linha de articulação de enunciados em convergência. Para isso, expande-se a significação que advém da mera nomeação de um serviço que simboliza essa questão: o Uber.

A palavra “uberização” com seus convergentes (uberização do/da...), bem como as afixações que vimos, atendem a demandas de expansão do circuito da uberização em novas pertinências enunciativas, que se efetivam em textos que expressam uma visão crítica das nossas relações sociais, principalmente a relação com o trabalho, mas não somente essa.



Tendo em vista que o vocábulo em pauta está sustentado por um referencial de atenuação, ele se torna enunciativamente pertinente para a expressão crítica das atenuações nas relações amorosas, nos atendimentos, nas relações com o serviço público etc.

Considerações finais

Vimos, portanto, que as redes enunciativas são sistematizações de construções linguísticas, de ordem metodológica, para uma análise semântica das unidades da língua, consideradas em articulação.

O conceito de articulação não recobre a concepção de conexão. Esse último é concebido a partir de fenômenos como recção, concordância ou dependência de formas linguísticas, como abordado nos estudos sintáticos no século XX. A ideia da articulação advém da tese de que unidades linguísticas se relacionam por razões enunciativas, tendo em vista a mobilização de referenciais históricos em função de pertinências enunciativas configuradas na atualidade do dizer.

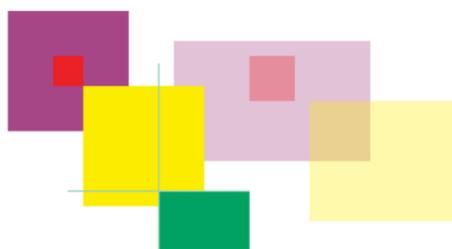
As formas linguísticas obedecem às regularidades da sua dimensão orgânica, mas a dimensão enunciativa é que mobiliza o funcionamento das formas em direções de conformação de sentidos na língua.

As redes enunciativas tentam evidenciar o ordenamento das mobilizações articulatórias a partir de uma tipologia de regularidades orgânicas e enunciativas: articulações predicativas, internominais, intranominais, subnominais.

Com o procedimento metodológico das redes enunciativas, criamos uma base de argumentos a favor de um método científico para explicar a constituição dos sentidos a partir do funcionamento enunciativo da língua.

Referências bibliográficas

BEAVERS, J.; SELLS, P. Constructing and supporting a linguistic analysis. In: PODESVA, R. J.; SHARMA, D. (eds.) **Research methods in Linguistics**. Cambridge: Cambridge University Press, 2013, p. 397-421.



DALMASCHIO, L. **Predicação dirigida X predicação centrada**: a (não) ocupação do lugar sintático de objeto na perspectiva da semântica da enunciação. Belo Horizonte, Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos da UFMG. Tese de doutorado. 2013.

DIAS, L. F. Enunciação e regularidade sintática. In: **Cadernos de Estudos Linguísticos**, v.1, n.51, Campinas, p.7-30, 2009.

DIAS, L. F. Memória, enunciação e lugares sintáticos. In: LEFFA, V. J.; ERNST, A. (org.). **Linguagens; metodologias de ensino e pesquisa**. Pelotas: EDUCAT, 2012, p. 27-42.

DIAS, L. F. Acontecimento enunciativo e formação sintática. **Línguas e Instrumentos Linguísticos**, Campinas, v.35, p. 99-138, 2015.

DIAS, L. F. **Enunciação e relações linguísticas**. Campinas: Pontes, 2018.

DIAS, L. F. A forma linguística nos estudos enunciativos. In: Castelo Branco, L. et alii. **Entrenós: da língua, do sujeito, do discurso** - vol. 2. Campinas: Pontes Editores, 2022, p. 145-161.

FOUCAULT, M. **L'archéologie du savoir**. Paris: Gallimard, 1969.

FREGE, G. Sobre o sentido e a referência. in: FREGE, G. **Lógica e filosofia da linguagem**. São Paulo: Cultrix/ed. da USP, 1978, p. 59-86.

GUIMARÃES, E. Domínio semântico de determinação. In: GUIMARÃES, E.; MOLLICA, M.C. (org.). **A palavra: forma e sentido**. Campinas: Pontes, 2007, p.77-96.

GUIMARÃES, E. **Semântica**; enunciação e sentido. Campinas: Pontes, 2018.

GUIMARÃES, E. **Semântica do acontecimento**. Campinas: Pontes, 2002.

MONDADA, L; DUBOIS, D. Construção dos objetos de discurso e categorização: Uma abordagem dos processos de referência. In: CAVALCANTE, M; RODRIGUES, B; CIULLA, A. (orgs.). **Referenciação**. São Paulo: Contexto, 2003, p. 17-52.

Data de submissão: 03/06/2022

Data de aceite: 06/06/2023